

RELATÓRIO FINAL DA PESQUISA
*O “não público” dos museus:
levantamento estatístico sobre o “não-
ir” a museus no Distrito Federal*

CPIM/DEPMUS/IBRAM

1 – Introdução

A pesquisa *O “não público” dos museus: levantamento estatístico sobre o “não-ir” a museus no Distrito Federal*, conduzida pela Coordenação de Pesquisa e Inovação Museal (CPIM)¹ do Departamento de Processos Museais (DEPMUS) do IBRAM², tem como finalidade oferecer subsídios para a constituição de melhores e mais eficazes políticas públicas para o campo museal do Distrito Federal; que podem ser replicadas em outras Unidades da Federação, conforme as especificidades de cada localidade, a serem indicadas pela pesquisa *in loco*.

Nossa proposta é a de apresentar um levantamento estatístico dos motivos indicados pelos indivíduos para a *não-frequência* aos museus e as condições sociais e econômicas com as quais tal opção se relaciona. Buscamos reunir dados sobre o perfil dos indivíduos que estamos denominando o “*não público*”.

A categoria “*não público*” utilizada na pesquisa, refere-se ao conjunto de indivíduos que não frequentam museus. Na literatura consultada dedicada aos estudos de públicos frequentadores de museus a categoria aparece empregada em duas ocasiões. Laurent Fleury (2009) menciona o uso da categoria na França em maio de 1968 como sinônimo de “excluídos da cultura”, da cultura culta, incapazes de diversas formas de acessar essa cultura, não sendo considerados nem como um público potencial. Outro emprego é mencionado por Luciana Köptcke (2012), no qual a categoria se refere a “aqueles que se diferenciam dos potenciais visitantes e dos praticantes efetivos em seu perfil sociocultural e demonstram pouco ou nenhum interesse ou familiaridade quando indagados a respeito destas instituições” (KÖPTCKE, 2012, 216). Diferentemente desses dois autores, o uso da categoria “*não público*” em nossa pesquisa engloba tanto os segmentos sociais que são potencialmente público dos museus, como aqueles que não possuem nenhum interesse neles. Portanto, “*não público*” na presente pesquisa é mais um conceito heurístico, um guia para identificar aqueles indivíduos, segmentos sociais que não frequentam museus e traçar um perfil socioeconômico, cultural e etário desse conjunto. Os resultados da pesquisa pretendem ser uma aproximação a esse conjunto de indivíduos, de segmentos sociais que podem se apresentar como uma grande diversidade de “*não públicos*”.

¹ A equipe CPIM responsável pela pesquisa: André Amud Botelho, Eneida Quadros Queiroz, Ramiro Queiroz Silveira, Robson dos Santos, Sandro dos Santos Gomes, Vitor Rogerio Oliveira Rocha e Álvaro Marins (coordenador).

² Agradecemos pela participação dos colegas do DEPMUS nas discussões a respeito do projeto de pesquisa e seu desenvolvimento, bem como no trabalho de campo, especialmente Cinthia Maria Rodrigues Oliveira, Marijara Souza Queiroz, Mirela Leite De Araujo, Monica Padilha Fonseca, Rafaela Mendes Medeiros e Valdemar de Assis Lima.

A relação com espaços e práticas culturais é fruto de dinâmicas de socialização. Assim a *disposição*, por exemplo, para a prática cultural de ir a museus não constitui um ato natural. É o resultado de um processo dinâmico de constituição cultural. O estar na cidade e a proximidade de aparelhos culturais, como os museus, não promovem universalmente sua apropriação. Variáveis como nível de renda, escolarização, condições de moradia, gênero, capital cultural, situação geracional, entre outros, representam aspectos importantes para compreendermos as formas distintas de uso e apropriação dos espaços e práticas culturais.

Se o hábito de frequentar espaços culturais como os museus não constitui um processo “natural” e automático da população como um todo, a condição de “*não público*” não se define apenas por motivos de falta de acesso devido à distância geográfica ou desconhecimento, mas também pela inexistência da demanda imediata de ir a museus. Em outras palavras, há segmentos sociais que não compreendem a ida ao museu como algo “necessário” em suas vivências estéticas e culturais, isto é, não possuem a *disposição*, o *habitus* requerido para a frequência desta instituição cultural (BOURDIEU; DARBEL, 2003). Seriam, portanto, indivíduos despossuídos dos meios simbólicos necessários para a fruição dos bens culturais musealizados, os quais são adquiridos pela educação familiar e escolar, isto é, pela transmissão de capital cultural mediante práticas pedagógicas formais e informais.³

A pesquisa tem um aspecto piloto e foi inicialmente aplicada, por meio de amostragem estatística, no Distrito Federal. Os dados finais ajudam a compreender as características dos indivíduos e grupos sociais que não acessam um espaço cultural como os museus. Este conhecimento pode disponibilizar subsídios e orientações para as políticas públicas museais visando reduzir a exclusão cultural e ampliar o usufruto do direito à memória.

2 - Objetivos

2.1. - Geral

- Compreender as características socioeconômicas, geracionais e escolares dos sujeitos que não frequentam e/ou não demandam museus.

³ Mas é preciso considerar que há nos segmentos sociais detentores dos meios simbólicos necessários para a fruição dos bens culturais musealizados indivíduos que não apreciam museus. Isso coloca a questão de que a simples posse dos meios necessários ainda não resulta em uso automático. O gosto por museus, assim como qualquer gosto expresso em práticas culturais, envolve aprendizado e exercício condicionados pelo ambiente familiar e escolar.

2.2. - Específicos:

- Levantar o perfil econômico, cultural, educacional e geracional do “não público” de museus;
- Levantar as principais justificativas para a não-frequência aos museus;
- Apreender as variáveis mais influentes sobre a não-frequência aos museus.

3. - Metodologias e técnicas de pesquisa

O estudo recorreu a técnicas quantitativas.

3.1. - Forma de construção da amostragem: Amostra causal estratificada

A técnica da amostragem estratificada aleatória consiste em dividir a população em subgrupos, os estratos. Estes estratos devem ser representativos das variáveis que iremos investigar (gênero, cor/raça, escolaridade, renda familiar, idade e vínculo empregatício). A partir dos dados gerais da população do Distrito Federal, fornecidos pelo IBGE, construímos estratos representativos destas variáveis. Por estes critérios, a análise dos dados recorreu a metodologias multivariadas.

3.2. - Dados gerais da população do Distrito Federal para a montagem da amostra estratificada

População de Brasília	
Total da população	2.570.160
Homens	1.228.880
Mulheres	1.341.280
População urbana	2.482.210
População rural	87.950

Fonte: IBGE, Censo 2010

Brasília - Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade				
	Homens		Mulheres	
Mais de 100 anos	55	0,00%	0,00%	131
95 a 99 anos	201	0,00%	0,00%	489
90 a 94 anos	796	0,00%	0,10%	1.608
85 a 89 anos	2.163	0,10%	0,20%	4.035
80 a 84 anos	5.074	0,20%	0,30%	8.070
75 a 79 anos	8.885	0,30%	0,50%	12.412

70 a 74 anos	15.759	0,60%	0,80%	19.893
65 a 69 anos	21.160	0,80%	1,00%	26.915
60 a 64 anos	30.889	1,20%	1,50%	39.078
55 a 59 anos	43.033	1,70%	2,00%	52.544
50 a 54 anos	55.965	2,20%	2,60%	67.172
45 a 49 anos	72.525	2,80%	3,30%	84.568
40 a 44 anos	88.786	3,50%	3,90%	98.974
35 a 39 anos	100.047	3,90%	4,40%	112.672
30 a 34 anos	118.507	4,60%	5,20%	134.291
25 a 29 anos	127.512	5,00%	5,50%	140.920
20 a 24 anos	120.373	4,70%	4,90%	125.420
15 a 19 anos	108.791	4,20%	4,40%	111.954
10 a 14 anos	110.597	4,30%	4,20%	108.112
5 a 9 anos	101.824	4,00%	3,80%	98.880
0 a 4 anos	95.938	3,70%	3,60%	93.142

Fonte: IBGE, Censo 2010

3.3. Variáveis da pesquisa

Independentes	Dependentes	
1 – Idade	1 - Frequenta	2 - Não frequenta
2 - Sexo		
3 - Nível de Escolaridade		
4 – Faixa de Renda		
5 – Cor/Raça		
6 – Vínculo Empregatício		

3.4. - Forma de coleta de dados: Aplicação de questionários fechados⁴.

3.5. - Análise dos dados: Técnicas multivariadas utilizando programas de computador e análises de interpretação sociológica, antropológica, histórica e museológica.

4. - Hipóteses

As hipóteses que procuramos testar na pesquisa são as seguintes:

- Indivíduos com maior escolaridade apresentam maior frequência a museus;
- Não existe diferença significativa entre homens e mulheres na frequência aos museus;
- Indivíduos das faixas de menor renda apresentam menor frequência a museus;
- As faixas etárias mais elevadas frequentam mais museus.

⁴ O questionário usado pela pesquisa está anexado ao presente relatório.

5. - A amostra estatística

Estabeleceu-se que os questionários seriam aplicados na faixa etária dos 15 aos 69 anos porque ela representa a quase totalidade da população economicamente ativa do Distrito Federal, o que é muito importante para a variável renda familiar.

Portanto, após essas exclusões de faixas etárias, a população do DF, para efeitos da nossa pesquisa, ficou reduzida a **1.882.096** habitantes.

15 a 19 anos	220.754 pessoas
20 a 24 anos	245.793 pessoas
25 a 29 anos	268.432 pessoas
30 a 34 anos	252.798 pessoas
35 a 39 anos	212.719 pessoas
40 a 44 anos	187.760 pessoas
45 a 49 anos	157.093 pessoas
50 a 54 anos	123.137 pessoas
55 a 59 anos	95.577 pessoas
60 a 64 anos	69.967 pessoas
65 a 69 anos	48.075 pessoas
TOTAL	1.882.096

População Residente no Distrito Federal (Censo 2010 – IBGE)

A definição a respeito da amostra estatística adequada para a pesquisa tinha se dado na fase de desenvolvimento do projeto. Desde então, contamos com um número determinado de entrevistas a realizar. A partir de leituras de textos dedicados a apresentar as contribuições da estatística a pesquisas na área das ciências humanas (BARBETTA, 2006; LEVIN, 1987), chegamos ao número ideal de 1.200 entrevistados⁵. A população do Distrito Federal formada por indivíduos entre 15 e 69 anos de idade, objeto de nossa atenção no estudo, alcança o número de 1.882.096.

⁵ A prática de pesquisa mostra que para atingir esse número é necessário aplicar uma quantidade maior de questionários, pois muitos deles se tornam inválidos. Entre outras coisas, isso se deve ao fato de alguns entrevistados declararem sua moradia como sendo fora do Distrito Federal, erros no preenchimento do questionário, inadequação no perfil etário, social e econômico etc.

Segundo Barbetta (2006), há fórmulas estatísticas para a definição de tamanhos mínimos de amostra. Para o uso delas, o autor parte do pressuposto de que uma hipotética pesquisa busca 95% de intervalo de confiança para seus resultados. Ou seja, em 95% dos casos, a pesquisa informaria resultados passíveis de serem levados em conta para a população total. E foi de tal pressuposto que a pesquisa “O não público dos museus” partiu. Assim, as fórmulas apresentadas por Barbetta, em seu *Estatísticas aplicadas às ciências sociais*, e usadas para os fins de nosso trabalho são as seguintes:

$n1 = 1/(E^2)E$ **ao quadrado**, em que $n1$ é a aproximação para o número da amostra e E a margem de erro pretendida (no nosso caso, 3%).

$n = N \cdot n1 / N + n1$, em que n é o tamanho pretendido da amostra, N é o tamanho da população, $n1$ a primeira aproximação para o tamanho mínimo da amostra.

Assim, os cálculos para os fins de nossa pesquisa resultaram em:

- 1) $n1 = 1 / (0,03)^2$ **0,03 ao quadrado**. Portanto, **$n1 = 1.111$**
- 2) $n = N \cdot n1 / N + n1$. Dessa forma, **$n = 1.110$**

Finalmente, uma amostra válida estatisticamente com intervalo de confiança de 95% e margem de erro de até 3% em seus resultados para uma população de 1.882.096 pessoas, caso de nossa pesquisa, deve contar com 1.110 entrevistas. Chegamos a realizar 1.959 entrevistas e decidimos delimitar uma amostra para fins de obtenção dos resultados em 1.200. Com segurança, podemos indicar que os resultados estatísticos de nossa pesquisa tem margem de erro de até 3% (para mais ou para menos) com uma probabilidade de acerto estatístico de 95%.

6. - Questionário

Para obtermos os dados estatísticos, utilizamos como instrumento um questionário simples fechado, que se encontra no anexo do relatório. Procurou-se reduzir ao máximo o número de perguntas do questionário para conter apenas as questões relevantes para a pesquisa devido à falta de recursos humanos e orçamentários para uma aplicação em larga escala pelo território do Distrito Federal. As perguntas foram elaboradas após aplicações de

um questionário prévio ,no qual procuramos coletar as perguntas e opções de respostas tanto ao que os entrevistados respondiam com maior frequência como com as categorias utilizadas pela pesquisa censitária do IBGE, para futuras comparações. O questionário definitivo possui 9 perguntas, sendo que 7 delas correspondem a uma descrição do entrevistado: sexo/gênero, idade, cor/raça, local de moradia, vínculo empregatício, renda familiar e escolaridade. As duas perguntas restantes relacionavam-se a questão da frequência ou não a museus. Na primeira pergunta sobre frequência, o entrevistado, além de dizer se frequentava ou não museus, também deveria responder qual o motivo da sua ida ou não ida a museus escolhendo entre um elenco de justificativas dispostas logo abaixo de sua resposta afirmativa ou negativa. Para os entrevistados que respondiam “sim” para a frequência a museus era-lhes perguntado sobre sua periodicidade no espaço de tempo de dois anos. Pretendia-se tentar distinguir o frequentador típico do frequentador eventual.

Uma das críticas que pode ser feita à utilização desse tipo de questionário enxuto e fechado é que ele dá pouca margem de expressão para o entrevistado, fazendo-o ter que se adequar estritamente à demanda do interlocutor e se submeter a categorias que lhe podem ser estranhas. Uma possibilidade de remediar essa situação teria sido a utilização em várias perguntas da opção “NRA” – “Nenhuma das respostas acima” como forma de o entrevistado expressar sua dúvida, desacordo ou desconhecimento sobre o conteúdo da pergunta. Um exemplo da limitação do questionário foi quanto à resposta à pergunta sobre cor/raça. Vários entrevistados se mostraram em dúvida ou em desconforto sobre como classificar-se quanto à cor/raça, descrevendo-se por vezes fora das opções presentes no questionário.

O ideal para a pesquisa teria sido a utilização de entrevistas semiestruturadas e uma abordagem mais abrangente, buscando inquirir os entrevistados sobre suas práticas culturais, pois a prática de ir ou não a museus se dá em um leque mais amplo de práticas culturais, como por exemplo, ida a cinemas, teatros, espetáculos, clubes, visitas a parques, zoológicos, etc. Enfim, se o indivíduo não frequenta museus o que ele faz com seu tempo livre: leituras, TV, compras no shopping, cinemas, teatros, atividades físicas.

A solução para essa lacuna da pesquisa é um complemento, ou uma continuidade da própria. Tendo em mãos o perfil do “não público”, seria possível realizar entrevistas em profundidade para conhecer as práticas de cultura e lazer dos indivíduos que não frequentam museus.

7. - Resultados

A pesquisa teve seu trabalho de coleta de dados iniciado na segunda quinzena de junho de 2011, com a aplicação de questionários fechados em zonas de fluxo, sendo finalizada na primeira quinzena de maio de 2012.⁶ Inicialmente o trabalho de campo ficou restrito à área central da região administrativa de Brasília (Rodoviária do Plano Piloto, Setor de Diversões Norte, Setor de Diversões Sul, Setor Comercial Norte, Setor Comercial Sul e Setor Bancário Sul), em que há a grande circulação de pessoas de muitas áreas do Distrito Federal. Posteriormente, foram aplicados questionários nas regiões administrativas de Taguatinga, Ceilândia, Samambaia, Planaltina, Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (Cidade Estrutural) e também na Esplanada dos Ministérios e no Setor Bancário Norte, visando atingir diversos segmentos da população do Distrito Federal.⁷

Uma questão surgida no início da pesquisa foi se incluiríamos ou não a declaração sobre o local de moradia dos entrevistados. A dúvida surgiu precisamente pelo fato de a região central do Plano Piloto ser local de grande afluência de habitantes do Entorno do Distrito Federal (cidades dos estados de Goiás e Minas Gerais). Optamos por incluir a declaração porque a pesquisa se referia à população residente no Distrito Federal. A decisão mostrou-se acertada, pois um bom número de questionários aplicados se mostrou inválido por causa da moradia no Entorno.

Inicialmente, as equipes de campo eram compostas exclusivamente pelos membros da CPIM/Brasília. Posteriormente, foram somando-se outros servidores do DEPMUS/Brasília. Nesse sentido, participaram servidores da Coordenação de Museologia Social e Educação (COMUSE), da Coordenação de Espaços Museais, Arquitetura e Expografia (CEMAE) e da Coordenação de Patrimônio Museológico (CPMUS), fundamental à conclusão desta pesquisa.

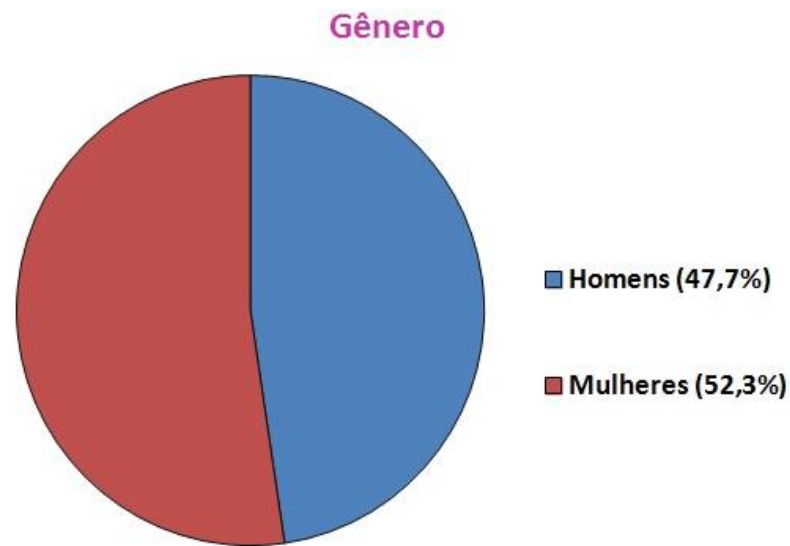
7.1 – Características da população entrevistada

Foram aplicados no total 1959 questionários. Destes, 1459 foram considerados válidos para os fins da pesquisa. Como expusemos acima, foram tomados como representativos de uma amostra da população do Distrito Federal entre 15 e 69 anos 1200 questionários.

Nesse universo de 1200 pessoas entrevistadas, 572 são homens e 628 são mulheres.

⁶ Esse longo período de aplicação de questionários deveu-se sobretudo à limitação de recursos humanos e orçamentários disponíveis à realização da pesquisa.

⁷ Cabe ressaltar que a ida a diversos pontos do Distrito Federal viu-se limitada, visto que os deslocamentos necessários foram sempre custeados pelas próprias equipes de campo.

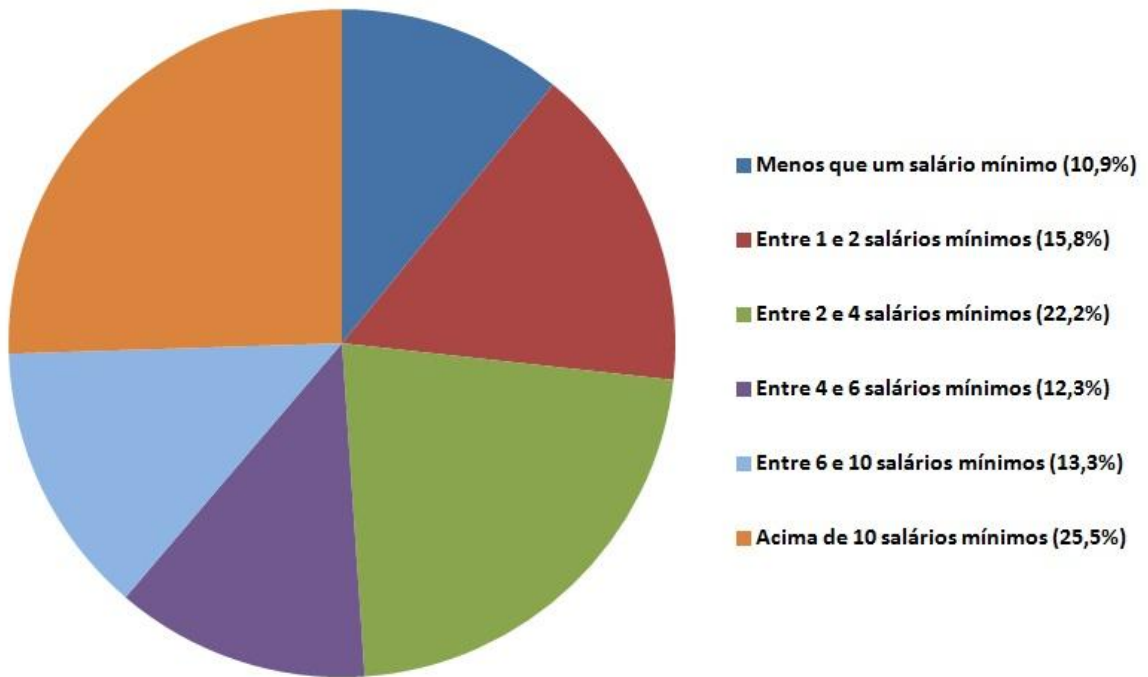


Dessas 1200 pessoas, 435 se declararam brancas; 138 pretas; 564 pardas; e 63 se declararam “outros” (amarelos ou indígenas).



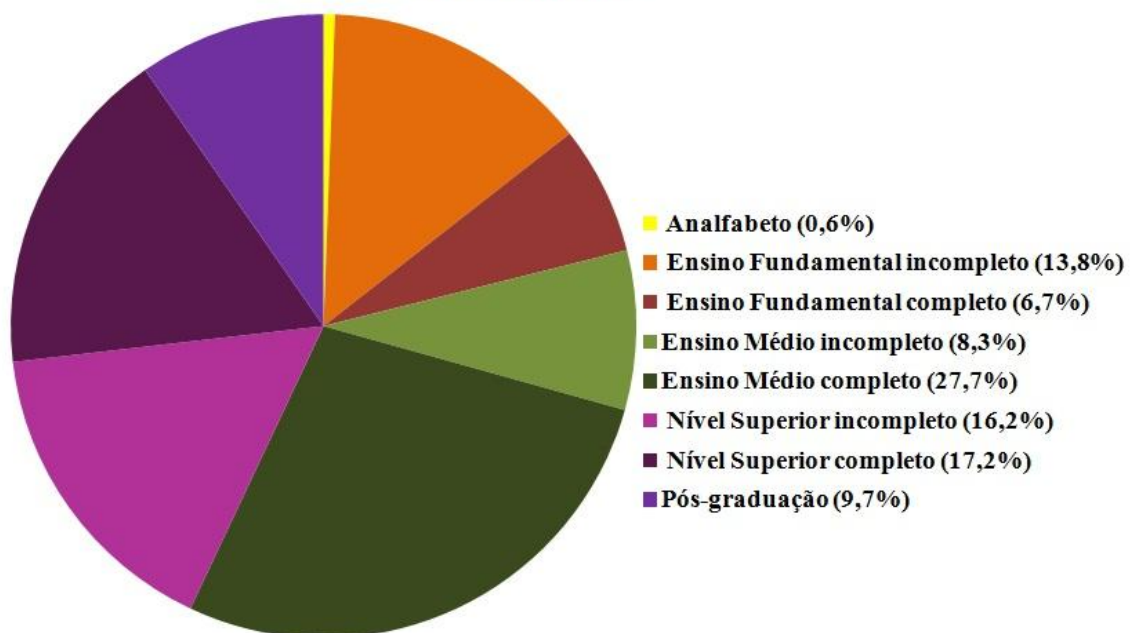
Quanto à renda familiar, das 1200 pessoas entrevistadas, 131 disseram ter renda menor do que um salário mínimo; 190, entre 1 e 2 salários mínimos; 266, entre 2 e 4 salários mínimos; 148, entre 4 e 6 salários mínimos; 159, entre 6 e 10 salários mínimos e 306 acima de 10 salários mínimos.

Renda Familiar:

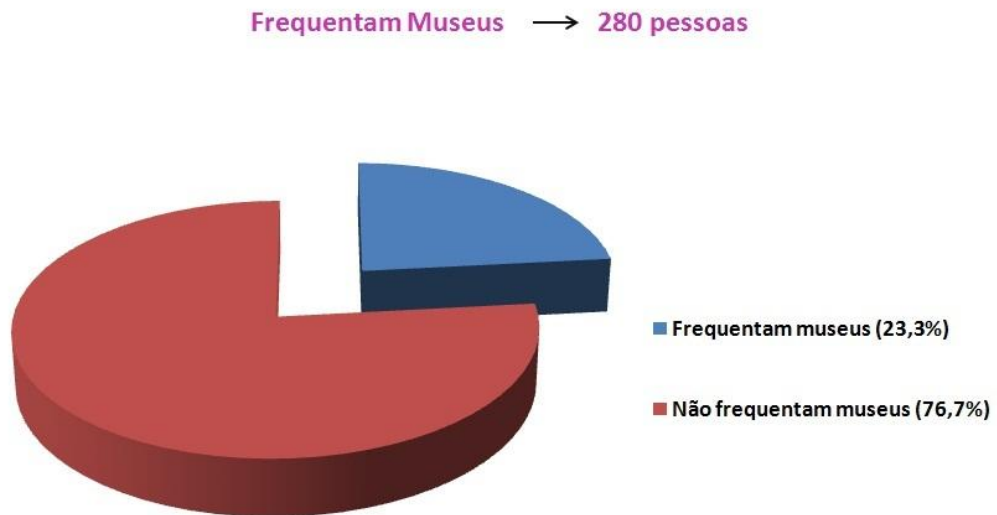


Em relação à escolaridade, das 1200 pessoas entrevistadas, 7 se declararam analfabetas; 166, com o ensino fundamental incompleto; 80, com o ensino fundamental completo; 99, com o ensino médio incompleto; 332, com o ensino médio completo; 194, com o ensino superior incompleto; 206, com o superior completo; e, 116 com pós-graduação.

Escolaridade

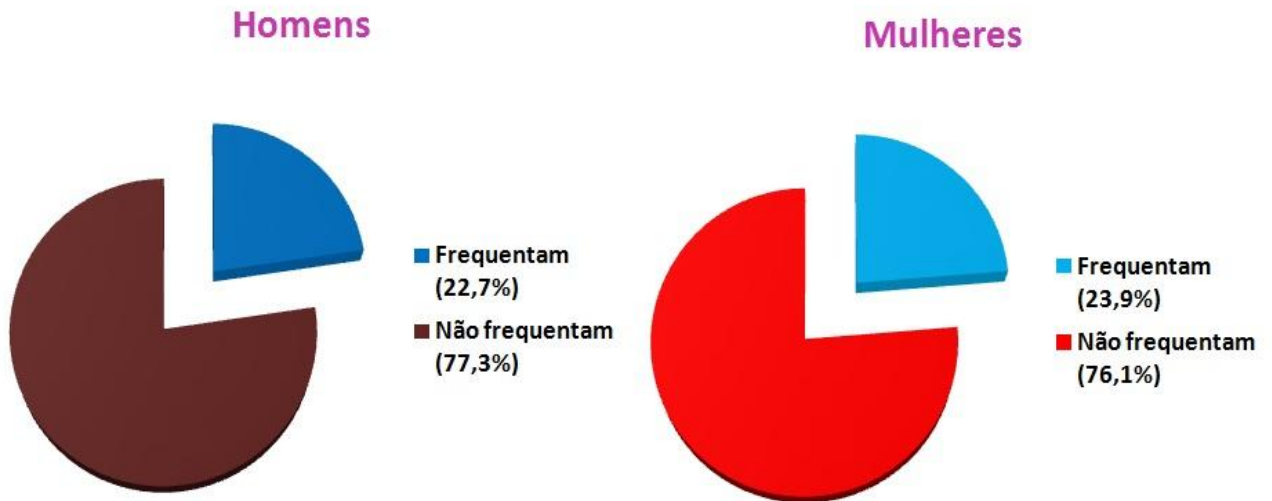


Nesse universo de 1200 questionários, 280 pessoas afirmaram frequentar museus, e 920 disseram não frequentar. Dessa forma, encontramos os seguintes percentuais: 23,33% dos indivíduos frequentam museus. **Portanto, o “não público” representa 76,67% dos entrevistados (920 pessoas).** Dentre as 280 pessoas que afirmam frequentar museus, 261 delas afirmaram que frequentaram museus nos últimos dois anos.



7.2 – Características do “não público”

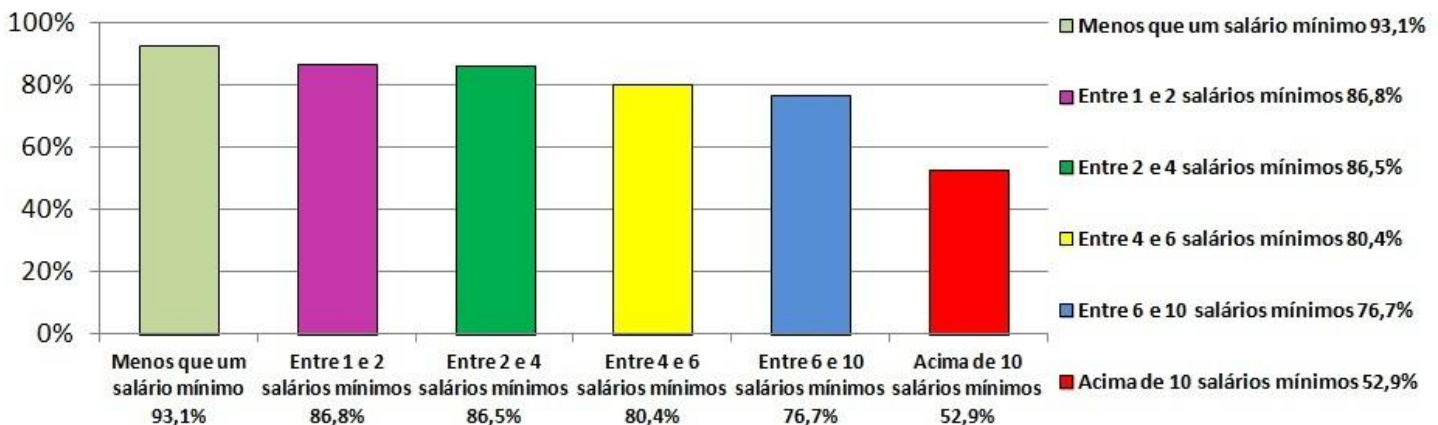
Analisando os 1200 questionários válidos aplicados, chegamos aos seguintes números quanto à variável sexo/gênero. Dentro do total de homens entrevistados (572), 77,3% deles não frequentam museus e do total de mulheres entrevistadas (628), 76,1% delas não frequentam museus. Como a variação percentual entre a frequência masculina e feminina é muito pequena, concluímos que não há diferenciação entre os sexos em relação à ida a museus e também a não ida.



Das 920 pessoas que não frequentam museus, 122 disseram ganhar menos de 1 salário; 165 disseram ganhar entre 1 e 2 salários; 230 disseram ganhar entre 2 e 4 salários; 119 disseram ganhar entre 4 e 6 salários; 122 disseram ganhar entre 6 e 10 salários e 162 disseram ganhar mais de 10 salários.

Dentro do total de pessoas com menos de 1 salário entrevistadas (131), 93,1% delas não frequentam museus. Entre 1 e 2 salários (190), 86,8% não frequentam museus. Entre 2 e 4 salários (266), 86,5% delas não frequentam museus. Entre 4 e 6 salários (148), 80,4% não frequentam museus. Entre 6 e 10 salários (159), 76,7% não frequentam museus. Com mais de 10 salários (306), 52,9% não frequentam museus.

Não frequência por renda



Considerando total de pessoas analfabetas (7), 100% delas não frequentam museus. Das pessoas que têm ensino fundamental incompleto (166), 93,4% delas não frequentam

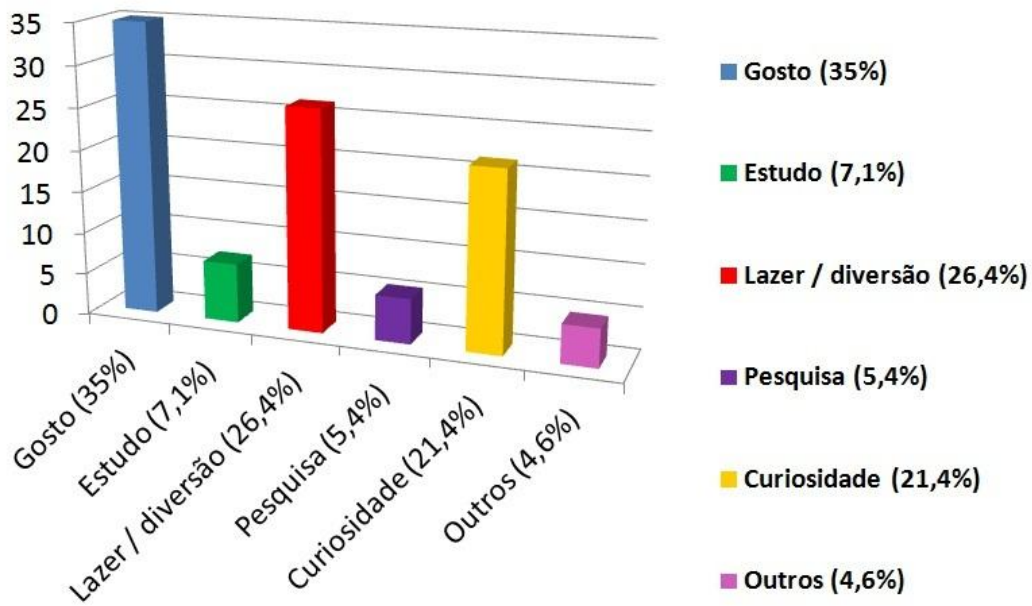
museus. Das que têm ensino fundamental completo (80), 87,5% delas não frequentam museus. Das que têm ensino médio incompleto (99), 86,9% delas não frequentam museus. Das que têm ensino médio completo (332), 85,5% delas não frequentam museus. Das que têm ensino superior incompleto (194), 69,1% delas não frequentam museus. Das que têm ensino superior completo (206), 59,7% delas não frequentam museus. Das que têm pós-graduação (116), 52,6% delas não frequentam museus.



7.3 – Justificativas para a frequência e não frequência a museus

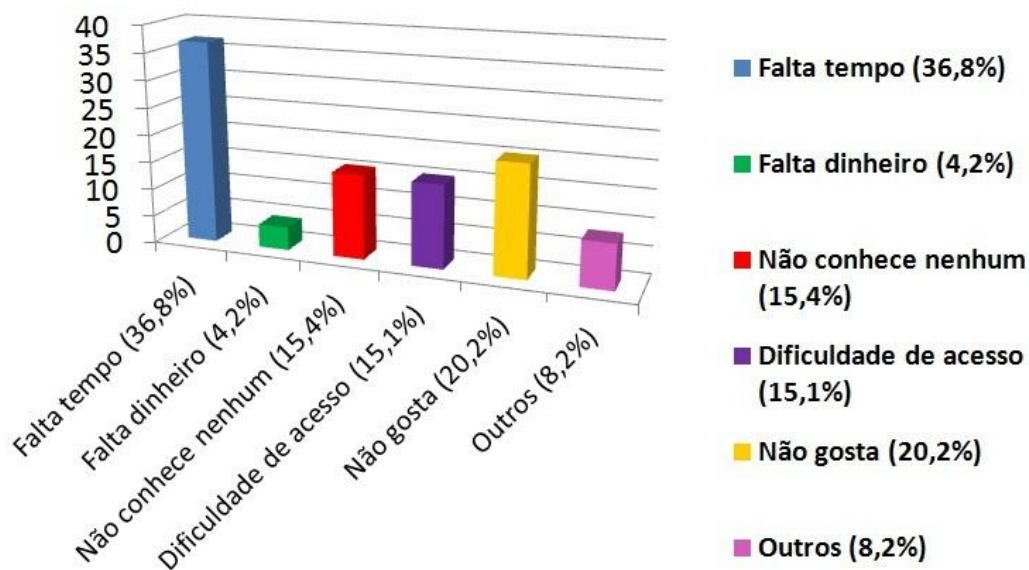
As 280 pessoas que afirmam frequentar museus, apresentaram as seguintes razões para justificar a ida a museus: 98 pessoas disseram que frequentam porque gostam de museus (35%); 20 disseram que vão estudar (7,1%); 74 disseram que consideram ir ao museu uma atividade de lazer e diversão (26,4%); 15 disseram ir pesquisar o acervo, o prédio ou documentos (5,4%); 60 disseram que frequentam por curiosidade (21,4%); e 13 disseram que frequentam por outras razões (4,6%).

Razões para frequentar museus:



As 920 pessoas que não frequentam museus apresentaram as seguintes razões para a não ida a museus: 339 pessoas disseram que não frequentam porque lhes falta tempo (36,8%); 39 disseram que falta dinheiro (4,2%); 142 disseram que não conhecem nenhum museu em Brasília e por isso não frequentam (15,4%); 139 disseram que o problema era a dificuldade de acesso (15,1%); 186 disseram que não frequentam porque não gostam ou não têm interesse em museus (20,2%); e 75 pessoas alegaram outras razões (8,2%).

Razões para não frequentar museus:



Analisando as respostas, podemos perceber que a frequência a museus motivada pelo “gosto”, “lazer/diversão” e “curiosidade” se destacam como as principais motivações. Se frequentar museus envolve tempo livre, esse tempo está sendo empregado em uma atividade prazerosa, logo o “gosto” e “lazer/diversão” podem ser entendidas como expressando quase a mesma coisa: o uso do tempo livre para uma atividade de lazer e diversão e o gosto pelo tema. Assim, 61,4% das respostas dos frequentadores de museus tratam o museu como um lugar para uma atividade prazerosa de lazer e diversão. Se considerarmos que as idas motivadas por curiosidade também envolve o uso do tempo livre, também podemos aproximá-las a uma atividade de lazer. Portanto, a frequência a museus pelas pessoas pesquisadas está associada com o uso do tempo livre para lazer e diversão.

No caso das respostas para a não frequência, encontramos a “falta de tempo” como uma justificativa principal. Como pode ser interpretada essa “falta de tempo”? Estariam as pessoas de fato com pouco tempo para ir aos museus? Mas se a maior parte das visitas a museus se refere ao emprego do tempo livre, estariam elas sem tempo livre ou dedicariam esse tempo a outras atividades culturais e de lazer? Ou ainda, essa resposta é apenas uma desculpa neutra ou amigável dirigida ao entrevistador diante da incapacidade de encontrar uma resposta para uma pergunta que o entrevistado nunca se fez? A situação é complexa e somente uma pesquisa qualitativa poderia ajudar a solucionar essas questões.

A resposta “não gosta” ocupa o segundo lugar das justificativas para a não ida a museu. Esse “não gostar” pode tanto (1) envolver uma dificuldade em acessar e desfrutar os bens culturais devido à ausência dos meios simbólicos necessários para decodificar as mensagens presentes no patrimônio musealizado; Ou, ainda, (2) um desinteresse aos museus mesmo que consciente sobre todo o processo de decodificação das mensagens: portanto, o mais simples desinteresse. Assim, no primeiro caso, teríamos uma questão de exclusão simbólica dificultando o acesso ao museu e gerando o desinteresse nos indivíduos, o que pode ser amenizado ora modificando modos de musealização tradicionais, ora oferecendo mecanismos e conhecimento sobre o processo de musealização. No segundo caso, o de verdadeiro desinteresse, não há muito o que fazer, já que é o mais absoluto “não público”. No entanto, os dados coletados por esta pesquisa não permitem mensurar os dois casos apontados, sendo indicada a realização de pesquisas qualitativas voltadas para estas questões.

As respostas “não conhece nenhum” e “dificuldade de acesso” aparecem empatadas em terceiro lugar como justificativas para a não frequência a museus. O desconhecer museu pode estar associado com a citada exclusão simbólica, já que o indivíduo desinteressado em museus pouco se importaria em reter ou procurar informações sobre a existência de museus.

No entanto, também pode estar relacionada à má divulgação dos museus, ou ao sistema de ensino do Distrito Federal, que não teria conseguido repassar aos alunos em idade escolar quais museus a cidade possui, a fim de que esses se lembrassem da existência de ao menos um deles na fase adulta. Assim, acreditamos que a “falta de divulgação”, argumentação muito levantada pelos entrevistados que não se identificavam plenamente com as opções expostas no questionário, deve ser levada em conta fortemente.

A dificuldade de acesso está associada a outra forma de exclusão: a socioespacial. De modo geral, os principais museus nas grandes cidades do Brasil se localizam em regiões centrais e/ou mais consolidadas e valorizadas, o que dificulta o acesso das populações suburbanas e periféricas que não têm recursos econômicos e tempo livre suficiente para gastar no deslocamento até a região onde se encontram os museus mais conhecidos e outros equipamentos culturais. No caso do Distrito Federal, repete-se o mesmo processo de exclusão socioespacial, com grandes contingentes populacionais de baixa renda e escolaridade ocupando áreas periféricas distantes da região central consolidada e nobre. Além disso, a organização espacial *sui generis* dificulta bastante a ida a museus. Numa cidade construída para que seus habitantes se locomovessem de carro, aqueles que usam o transporte público sofrem com longas caminhadas entre a parada dos ônibus ou estações do metrô e os museus.

8. - Conclusão

As conclusões a que chegamos são as seguintes, considerando-se as hipóteses iniciais da pesquisa: a diferença entre homens e mulheres pode ser considerada desprezível tanto quanto à frequência de museus como a não frequência.

A variável escolaridade se destaca como elemento de compreensão da frequência como da não frequência a museus. Quanto maior a escolaridade, maior a frequência a museus; e o inverso, menor escolaridade, menor frequência a museus se confirmam como uma constante.

De igual modo, ocorre o mesmo com a variável renda familiar: maior renda, maior frequência; menor renda, menor frequência.

Com esses resultados, nos parece que a escolarização e a renda são elementos-chave a serem considerados quando se trata de políticas públicas de acesso aos museus. Pesquisa realizada pelo INSTITUTO PRÓ-LIVRO (2012) sobre as práticas de leitura no Brasil também aponta a influência da renda e da escolarização na quantidade de livros lidos ao ano no Brasil,

o que nos faz perguntar sobre o grau de relevância dessas variáveis sobre o conjunto das práticas culturais, dentre elas, a ida a museus.

Pensar a não frequência de museus a partir das variáveis renda e escolaridade é considerar a questão das desigualdades socioeconômicas e socioculturais que marcam indelevelmente a sociedade brasileira. Em termos de políticas públicas, isso se traduz em implementar mecanismos ou dispositivos de acessibilidade social e simbólica para amplos contingentes da população que permanecem à margem da fruição de bens culturais musealizados.

Mas para tanto, resta pesquisar mais profundamente essa relação entre escolarização, renda e não frequência a museus no Brasil. Por isso, se faz necessária uma pesquisa posterior em profundidade com as pessoas que dizem não frequentar museus valendo-se de metodologias qualitativas como grupos focais, entrevistas abertas e semiabertas, tendo como fulcro a relação entre escolarização/renda e não frequência a museus. Importa descobrir de que modo a baixa escolarização e a baixa renda inibem a ida a museus, quais mecanismos sociais decorrentes da baixa escolarização e renda operam na inibição a ida a museus.

Para a elaboração de políticas públicas voltadas para aumentar a visitação a museus, é imprescindível compreender os mecanismos sociais que inibem a frequência a museus. A mera ampliação da divulgação não é capaz de desmontar esses mecanismos sociais operantes na baixa escolarização e renda, estímulos mais específicos são necessários para a superação desses limites sociais. Políticas públicas que produzam impactos em nível macrossocial, como aumento da escolarização e renda de segmentos sociais subalternos, devem ser concomitantes com ações em nível microsocial, como por exemplo, programas de integração entre escolas e museus para poderem ter o efeito de fornecer os recursos simbólicos necessários para a fruição de bens culturais musealizados.

9. - Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, A. M. “O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte”. In: *História, Ciência e Saúde* - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, p. 31-53, 2005.
- . Os visitantes do Museu Paulista: um estudo comparativo com os visitantes da Pinacoteca do Estado e do Museu de Zoologia. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 12, p. 269-306, 2004.
- . Os públicos de museus universitários. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, São Paulo, v. 12, p. 205-217, 2002.
- AQUINO, André (coord.). *Diálogos entre arte e público* – Caderno de Textos. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

- BARBETTA, Pedro Alberto. *Estatística aplicada às ciências sociais*. Florianópolis: Editora UFSC, 2005.
- BICKNELL, Sandra; FARMELO, Grahan (Eds.). *Museumvisitor studies in the 90's*. Londres: Science Museum, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Ed. Difel, 1989.
- . *As Regras da Arte – gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Ed. Companhia da Letras, 1996.
- . *A distinção. Crítica social do julgamento*. São Paulo, Edusp, 2007.
- . e DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: Edusp/Zouk, 2003.
- .; SAINT-MARTIN, Monique. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo, Ática, 1983. p. 82-121.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Ed. PUBLIFOLHA, 2000.
- CURY, Marília Xavier. *O sujeito do museu*. In: Revista Musas. Rio de Janeiro, nº 4, 2009.
- FLEURY, Laurent. *Sociologia da Cultura e das práticas culturais*. São Paulo: Ed. Senac, São Paulo, 2009.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil*. 3ª. ed. Instituto Pró-livro, Brasília, 2012.
- KOPTCKE, L. S. (org.). *O Museu e seus Públicos*. Negociação e Complexidade - Encontro Sobre a Pesquisa em Educação, Comunicação e Divulgação Científica em Museus - 2001, Rio de Janeiro: Museu da Vida, Espaço Cultural FINEP, Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2001. 238p.
- . Bárbaros, escravos e civilizados: o público dos museus no Brasil, In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 31. Rio de Janeiro: IPHAN, 2005. p.184-205.
- . Os museus cariocas e seus visitantes: uma análise do perfil dos públicos dos museus do Rio de Janeiro e de Niterói, In: Abreu, R.; Chagas, M. S.; Santos, M. S. (orgs.) *Museus, Coleções e Patrimônios: narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU, 2007, p. 68-94.
- . Público, o X da questão? A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil , In: *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v.1, n.1, jan/jul de 2012, p. 209-235.
- LEVIN, Jack. *Estatística aplicada a ciências humanas*. 2.ed. São Paulo: Editora Harbra, 1987.
- LOUNGHURST, Brian; BAGNALL, Gaynor; SAVAGE, Mike. *Audiences, museums and the English middle class*. IN: *Museum and Society*, v. 2, n. 2, p. 104-124, jul. 2004.
- PEIXOTO, Maria Inês Hartmann. *Arte e grande público: a distância a ser extinta*. Campinas: Autores Associados, 2003.
- WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais* (2 vol.). São Paulo: Cortez; Campinas: EDUNICAMP, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010 e PNAD 2010. Pesquisa sobre os Museus e seus públicos. Observatório de Museus e Centros Culturais. I Boletim, ano I, ago. 2006.

ANEXOS

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - DPMUS/CPIM
Pesquisa sobre não-público (aplicação: ___/___/___)

<p>1 - SEXO:</p> <p>1 - () Masculino 2 - () Feminino</p> <p>2 - IDADE: _____</p> <p>3 - COR/RAÇA:</p> <p>1 - () branco 2 - () preto 3 - () pardo 4 - () outros (amarelo, indígena)</p> <p>4 - ONDE MORA?</p> <p>5 – FREQUENTA MUSEUS?</p> <p>1 - () Sim 2 - () Não</p> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 45%;"> <p>↓</p> <p>() Gosto () Estudos () Lazer/diversão () Pesquisas () Curiosidade () Outros</p> </div> <div style="width: 45%;"> <p>↓</p> <p>() Falta tempo () Falta dinheiro () Não conheço nenhum () Dificuldade Acesso () Não gosto/falta Interesse () Outros</p> </div> </div> <p>6 – VOCÊ FOI A MUSEUS MAIS DE UMA VEZ NOS ÚLTIMOS 2 ANOS?</p> <p>1 - () Sim 2 - () Não</p>	<p>7 – VOCÊ POSSUI VÍNCULO EMPREGATÍCIO?</p> <p>1 - () Sim 2 - () Não 3 - () Autônomo 4 - () Aposentado/pensionista</p> <p>8 – QUAL SUA RENDA FAMILIAR?</p> <p>1-() Menos que um salário mínimo (R\$ 545,00) 2-() Entre 1 e 2 salários mínimos (R\$ 545, 00 - R\$ 1.090,00) 3-() Entre 2 e 4 salários mínimos (R\$ 1.090,00 - R\$ 2.180,00) 4-() Entre 4 e 6 salários mínimos (R\$ 2.180,00 - R\$ 3.270,00) 5-() Entre 6 e 10 salários mínimos (R\$ 3.270,00 - R\$ 5.450,00) 6-() Acima de 10 salários mínimos (R\$ 5.450,00)</p> <p>9– QUAL SUA ESCOLARIDADE?</p> <p>1 - () Analfabeto 2 - () Ensino Fundamental incompleto (primeiro grau) 3 - () Ensino Fundamental completo (primeiro grau) 4 - () Ensino Médio incompleto (segundo grau) 5 - () Ensino Médio completo (segundo grau) 6 - () Nível Superior incompleto 7 - () Nível Superior completo 8 - () Pós-graduação</p> <p style="text-align: right;">n^o _____</p>
--	--